

Cousas futuras! Machado, predecessor de Hatoum

Stefania Chiarelli  
(UFF/FAPERJ)

**Resumo:** De acordo com Benedito Nunes, presente-se uma volta ao mito na ficção brasileira atual. Faz parte dessa retomada do repertório bíblico, segundo o crítico, o romance *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum. O tema clássico do antagonismo entre irmãos, cujas raízes remontam às narrativas bíblicas, representa um dos pilares do romance *Esaú e Jacó* (1904). A luta política, ideológica e amorosa entre Pedro e Paulo aponta para o nacional como espaço de contradições sociais irreconciliáveis. Inscrevendo-se na tradição literária machadiana, a ficção de Milton Hatoum revisita o tópico da rivalidade familiar e o questionamento da memória para aludir à formação do imaginário de um Brasil moderno. Ler Hatoum relendo Machado, em uma perspectiva comparada, permite trabalhar as questões referidas.

**Palavras-chave:** mito; modernidade; Machado de Assis; Milton Hatoum.

O mito é o nada que é tudo, afirmou em seus versos o poeta Fernando Pessoa. Dessa força constante de recriação, da trama de fabulações mitológicas nasceram narrativas de todos os tempos. E não poderia ser diferente em relação à ficção brasileira atual: de acordo com Benedito Nunes, constata-se um movimento de volta ao mito na prosa brasileira. O primeiro momento desse surto, segundo o crítico paraense, se iniciaria no Romantismo, na recriação do índio e do homem regional realizada por José de Alencar, aliada à presença de Machado de Assis, com *Esaú e Jacó*, ao visitar a conhecida história bíblica. O segundo aparecimento se daria em 1956, com a publicação de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, e em 1964, de *A paixão segundo GH*, de Clarice Lispector. A terceira irrupção, assegura Benedito Nunes, consolida-se em três romances que buscam no repertório bíblico e popular figuras míticas já existentes: *A pedra do reino*, de Ariano Suassuna, *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Portanto, conclui, não se trata de episódios isolados em nossas letras, mas de ciclos que se sucedem.

Nesta reflexão, privilegiaremos o diálogo entre a obra machadiana, publicada na primeira década do século XX, e o romance de Milton Hatoum, que veio a público em 2000. Partindo do pressuposto teórico de Benedito Nunes, refletiremos sobre esse movimento de revisitação do mito em dois distintos momentos da série literária brasileira. Apesar da unanimidade em relação ao diálogo entre as obras de Machado

de Assis e Milton Hatoum, acreditamos ser possível levantar pontos importantes para o debate acerca do tema. Interessa-nos tomar a argumentação de Benedito Nunes como fio condutor desta reflexão, uma vez que suas idéias estabelecem correlação mais ampla entre as obras, inserindo-as em uma perspectiva que questiona certos caminhos da própria ficção brasileira.

Desde sua publicação, *Dois irmãos* foi relacionado pela crítica especializada à história bíblica e ao romance machadiano. Artigos de jornal, resenhas e pesquisas acadêmicas<sup>1</sup> têm apontado esse diálogo. Esse aspecto foi logo de início levantado pelos depoimentos concedidos por Milton Hatoum (2007, p. 29), que reconheceu a dívida com *Esau e Jacó* e com um conto de Flaubert. Filiava-se, portanto, a dois nomes de peso na tradição literária ocidental.

Agraciado por esse romance com o Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, Hatoum costuma afirmar que seu maior desejo é ter bons leitores. Na qualidade de crítico e ex-professor universitário, o escritor inúmeras vezes atua na condição de mediador de seus próprios escritos, uma vez que não se furta a teorizar e estabelecer correlações a respeito dos mesmos, fornecendo pistas sobre seu modo de fabricar a escrita, aí incluindo vasto elenco de predileções e influências. O autor amazonense esclarece, em textos teóricos e artigos publicados em revistas especializadas, quais seriam suas obsessões temáticas – a exemplo do memorialismo – e também refere escritores que fazem parte de seu repertório afetivo.

O modo como cada autor dialoga com seus predecessores determina muito de sua própria escrita, e revela, no caso de um país periférico como o Brasil, uma série de estratégias que envolvem a produção e a circulação do saber nas esferas intelectuais. A existência de uma poética pautada pela releitura da tradição nos é sugerida pela postura do próprio Machado, que, para constituir sua obra, se valeu da ficção brasileira então existente no Brasil, a exemplo de autores como Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antonio de Almeida e José de Alencar, e lançou mão de modelos estrangeiros, como Swift e Lawrence Sterne. Comparecem na prosa machadiana as práticas constantes de citação, de releitura, de alterações propositais dos textos alheios, em sutil trabalho de

escavação de memórias coletivas e culturais. A esse respeito, é conhecida a chamada “teoria do molho”, a noção da originalidade em Machado, Coutinho (1997, p. 32), que afirma buscar a especiaria alheia, mas a tempera com “o molho de sua fábrica”. Ou seja, o jogo intertextual existe na medida em que serve também para questionar outros saberes e acomodá-los a uma realidade brasileira. Tal exercício comparece, em clave irônica, no conto “Teoria da medalhão”, em que a ausência de idéias, o cultivo de lugares comuns e de adjetivos em profusão, e o uso da auto-propaganda são conselhos dados pelo pai ao filho no dia de seu aniversário. A figura paterna aconselha o filho a “renovar o sabor de uma citação, intercalando-a numa frase nova, original e bela”.

No caso da revisitação da história bíblica da rivalidade familiar, tanto Machado quanto Hatoum preparam iguarias com temperos próprios. O sabor se renova à medida em que cada escritor doa sentidos próprios a essa trama mítica. Conforme alerta Benedito Nunes, no texto bíblico a legenda dos irmãos adversos é um mito de conciliação. Entretanto, o filão que abastece tanto *Esau e Jacó* quanto *Dois irmãos* é o do violento antagonismo, uma vez que em nenhuma das tramas prepondera a harmonia final entre os gêmeos.

É bastante expressivo o princípio da dialética em Machado de Assis, autor que transita entre o sim e o não, em estado permanente de controvérsia. Em *Esau e Jacó*, os sentimentos de conflito, de contraste, dão a tônica ao romance. Os prós e contras das coisas surgem ao longo de toda a narrativa, seja nas posições políticas antagônicas dos irmãos – Monarquia e República ao final nada mais representam do que faces da mesma moeda - seja no caso da paixão de Flora por Pedro e Paulo. Segundo Antonio Candido,

Os irmãos optam e agem sem parar, porque são as alternativas opostas; mas ela, que deve identificar-se com uma ou com outra, se sentiria reduzida à metade se o fizesse, e só a posse das duas metades a realizaria; isto é impossível, porque seria suprimir a própria lei do ato, que é a opção. Simbolicamente, Flora morre sem escolher. Candido (2004, p. 26)

Flora debate-se intensamente com a dúvida, pois almeja reunir os dois irmãos em um só ser, como na cena em que se perde em devaneios, no capítulo intitulado “A grande

---

<sup>1</sup> Conferir na bibliografia os artigos de Leyla Perrone-Moisés, Arthur Nestrovsky e Daniel Piza, além de ensaios críticos contidos no volume *Arquitetura da memória*.

noite”. Perturbada pela confusão dos desejos, incapaz de optar entre os gêmeos, a jovem acaba morrendo.

Após seu falecimento, Natividade, mãe de Pedro e Paulo, reassume o lugar do objeto do desejo filial. Passa a viver “enamorada dos filhos”, revelando no texto o quanto de possessividade existe na construção dessa personagem, em seu ciúme antecipado das noras. Ao proferir a “linguagem das grandezas”, persegue a idéia de projeção e de êxito social. Mobilizada pela obsessão de ver os filhos no poder a partir da predição de um futuro brilhante pela cabocla do Castelo, Natividade se inquieta pela revelação da vidente de que os gêmeos teriam brigado desde o ventre, conforme refere a epígrafe de Dante, alusiva à “almas mal nascidas”. A linguagem dúbia da cabocla, oráculo que fala “dobrado”, ressoa durante todo o resto da vida familiar.

No romance machadiano, a linguagem se mostra o tempo todo em seu aspecto contraditório, de sentidos cambiantes, como demonstram as palavras dos personagens Batista e dona Cláudia, pais de Flora, que afinam a linguagem de acordo com quem estiver no mando, revelando dualidade moral e mental. A variação política surge também no famoso episódio da tabuleta da confeitaria, cuja designação se refere àqueles que estão à frente do poder. Almeja-se somente o lucro pessoal: as instituições mudam, mas as idéias seguem as mesmas.

O contraponto à noção de controvérsia fica marcado pela posição do narrador, o Conselheiro Aires. Já na advertência, um narrador onisciente afirma ser este o último dos sete cadernos que Aires escrevera, material formado de descobertas, observações e reflexões pessoais. Estes escritos, não fazendo parte do Memorial, viriam a conformar o romance *Esau e Jacó*, em que se alternam na narração uma voz onisciente e a voz de Aires. De espírito conciliador, o ex-diplomata foge das dissensões, e atua como mediador das situações familiares mais tensas. Por outro lado, esse “segundo narrador mantém certo distanciamento do texto de Aires, o que lhe permite esclarecer, emendar, corrigir e criticar o que conta o Conselheiro”, Cademartori (1997, p. 4). Instaura-se, mais uma vez, o princípio dialético no jogo entre essas duas vozes; uma que discute o método narrativo adotado, em amplo exercício metaficcional, e outra, que concilia e abranda as rixas familiares e políticas.

Como amigo e antigo pretendente de Natividade, Aires se encontra em posição próxima da família Santos, o que lhe permite lançar um olhar íntimo e ao mesmo tempo distante dos eventos. Viúvo, sem descendentes, o ex-diplomata acalenta certas fantasias acerca das relações de parentesco. Em relação à jovem Flora, paira um sentimento melancólico, desejo semelhante a uma “flor descorada e tardia de paternidade”, Machado de Assis (1997, p. 1058), e, no tocante aos filhos de Natividade, Aires imagina: “se os gêmeos tivessem nascido dele talvez não divergissem tanto nem nada, graças ao equilíbrio do seu espírito” (idem, p. 999). Trata-se, em suma, do devaneio em torno de uma paternidade nunca concretizada, de filiações que simbolicamente Aires vai estabelecendo ao longo da vida, e que, como toda fantasia, comparece como idealização, tornando-o inclusive capaz de promover a pacificação de relações conflituosas, como as de Pedro e Paulo. Machado disserta sobre relações que permanecem no âmbito do irrealizado, de filhos não nascidos, de legados não transmitidos, como na célebre afirmativa que encerra *Memória póstumas de Brás Cubas*.

De forma análoga, o narrador de *Dois irmãos* especula sobre as feridas e cicatrizes da vida familiar a partir de um ângulo de observação peculiar. Como Aires, ele está ao mesmo tempo dentro e fora da família. Ambos os narradores situam-se, portanto, a partir de uma ótica privilegiada para empreender uma mirada acurada sobre os conflitos familiares.

Nael medita e critica, observando o destino dos dois irmãos, a destruição da casa e da cidade de Manaus. Também nutre sentimentos ambíguos em relação aos gêmeos, uma vez que paira sobre a narrativa a dúvida em relação a sua paternidade. Yacub ou Omar? À semelhança de Aires, Nael se constitui como narrador que fantasia a respeito das relações familiares: para o Conselheiro, as coisas tomariam outro rumo caso fosse pai dos gêmeos, ou de Flora, e, para Nael, a condição bastarda e a ignorância em relação ao nome do pai definem seu modo de estar no mundo, e, por conseqüência, de narrar a história. Aires, pai de ninguém, devaneia a respeito da relação com seus possíveis filhos; Nael, “filho de ninguém”, Hatoum (2000, p. 251), especula sobre o nome do pai, na busca de reconhecimento filial.

Hatoum reedita na construção de Nael aspectos da figura do agregado, estudada por Roberto Schwarz em *Ao vencedor, as batatas* a partir da leitura de Machado:

representante da cultura do favor, o agregado se constitui como alguém dependente. Nael não é proprietário e tampouco proletário, seu acesso à cultura material depende dos obséquios de Zana, a matriarca da família, que nunca cessa de demandar o cumprimento de tarefas ao jovem. Conforme afirma Schwarz, o favor é o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, e o narrador de *Dois irmãos* se encontra marcado por essa posição subalterna: recebe benefícios, mas é insistentemente cobrado pelo lugar inferior ocupado dentro da hierarquia familiar.

Podia freqüentar o interior da casa, sentar no sofá cinzento e nas cadeiras de palha da sala. Era raro eu sentar à mesa com os donos da casa, mas podia comer a comida deles, beber tudo, eles não se importavam. Quando não estava na escola, trabalhava em casa, ajudava na faxina, limpava o quintal, ensacava as folhas secas e consertava a cerca dos fundos. Hatoum (2000, p. 94)

Segundo Hatoum, dado o alcance simbólico e social, foi proposital a escolha desse tipo de narrador, uma vez que está situado em espécie de entre-lugar, “não pertencem à família mas não estão totalmente fora dela. Pertencem à cultura de forma híbrida, que também é uma particularidade da América Latina e sobretudo do Brasil”, (2005, p. 6).

Domingas, mãe do narrador, é também personagem cuja trajetória se entrelaça à família a quem se dedica servilmente. Segundo o autor, a inspiração adveio da criada Felicité, protagonista de “Um coração simples”, de Flaubert. No célebre conto, a empregada doméstica serve por cinquenta anos a mesma família, e no final da vida dedica sua afeição a um papagaio. Hatoum dialoga com a obra flaubertiana ao encenar o drama dessas personagens historicamente silenciadas: indígena criada por religiosas, Domingas surge como figura emudecida, que se expressa por meio de delicadas esculturas de animais da floresta. Na família de Zana e Halim, Nael é uma espécie de membro adotivo: bastardo, *curumim*, fruto da violência cometida contra a empregada doméstica por um dos patrões. Dessa forma, o narrador constitui um ponto de vista externo/interno, dada a possibilidade de estranhar o ambiente familiar ao mesmo tempo em que é estranhado por ele. É desse olhar marginal e fronteiriço que surge a possibilidade de reunir os restos da vida familiar.

A impossibilidade de retorno à origem e ao espaço de uma infância irremediavelmente perdida é encenada no romance, que aposta na idéia da palavra do

narrador como forma de acesso a esse tempo pretérito. A tradição, entendida como portadora de um legado a ser preservado, será questionada pelo narrador: por meio do movimento da memória, Nael revisita a tradição familiar com suas práticas peculiares, mas se apercebe que desse passado restaram apenas fragmentos. É a partir deles que irá conformar o relato, juntando cacos dispersos, tentando recompor a tela do passado, como afirma (2000, p. 134).

*Dois irmãos* narra a turbulenta trajetória afetiva de Yaqub e Omar, gêmeos nascidos em família de origem libanesa na cidade de Manaus. O primeiro é preterido pelo amor da mãe e mandado para o Líbano muito jovem, o que resulta em um retorno problemático à terra de onde partiram seus familiares, pois lá não encontra amparo ou qualquer sentido de identificação. Extrovertido, aventureiro e preguiçoso, Omar é movido pelo sexo e pelo prazer. Ao permanecer em Manaus, acompanha a decadência da cidade sob o capitalismo selvagem que impera após a implementação da Zona Franca. Yaqub, de temperamento introvertido, vai para São Paulo estudar na Politécnica e faz carreira de sucesso como engenheiro, participando da construção de cidades brasileiras e também aliando-se ao Estado Novo e à política de repressão.

A narrativa retoma em inúmeros aspectos a obra anterior do escritor amazonense, *Relato de um certo Oriente* (1989). Ambas narram, em momentos diferentes, fragmentos da história da Amazônia e do Brasil, enfocando as diversas mudanças por que passa a cidade de Manaus, marcada pela atividade comercial dessas famílias imigrantes. A despeito do pano de fundo que acompanha as mudanças históricas, nos romances de Hatoum o abismo mais temível é o que está em casa, entre as paredes que sufocam e aprisionam os membros do clã. Outro aspecto comum aos dois romances é o de apostar na presença de narradores que sobrevivem para contar uma história, tomando para si a tarefa de resgatar a trajetória familiar após o dismantelamento do grupo. Tais narradores são construídos como personagens cuja ligação com a palavra lhes permite lidar com o sofrimento e a exclusão.

Milton Hatoum narra a partir da margem de um Brasil idealizado, e evoca em sua obra a existência de um país dividido, marcado por desigualdades gritantes e pelo mito progressista. O autor contrapõe a imagem otimista de Brasília ao descaso em relação às cidades marcadas pelo subdesenvolvimento, como Manaus:

Noites de blecaute no norte, enquanto a nova capital estava sendo inaugurada. A euforia, que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado. E o futuro, ou a idéia de um futuro promissor, dissolvia-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial e mais longe ainda do nosso passado grandioso. Hatoum (2000, p.128)

A dualidade entre progresso e atraso persiste, e paralelamente, do ponto de vista afetivo, no comportamento da irmã de Yacub e Omar comparece a dubiedade: como Flora, Rânia pensa ser o homem ideal um híbrido entre os gêmeos, e permanece também prisioneira dessa ambigüidade incestuosa, pois não consegue imaginar ninguém que a excite mais do que seus dois irmãos: “Como ela ficava sensual, na presença de um e de outro (...)” (2000, p. 56). Nas duas primeiras narrativas de Hatoum, no âmbito das relações amorosas nenhum dos personagens dos romances leva a bom termo essa experiência. Não se estabelecem ligações afetivas fora do grupo familiar sem que haja conflitos ou tensão. Ainda se trata de imigrantes libaneses no Brasil que estabelecem laços afetivos dentro do próprio clã, muitas vezes no limite do incesto. A relação de sedução entre Zana e o filho Omar, assim como a paixão de Rânia pelos gêmeos e a ligação concretizada entre Nael e a própria tia são exemplos dessa proximidade interdita.

Vale lembrar que a manutenção da tradição e a proteção do patrimônio estão na base do costume de relação entre os membros de uma mesma família. O hábito milenar presente na cultura árabe acaba por se agudizar, uma vez que essas famílias se encontram fora de seus territórios de origem, transplantadas para outro país. Assim, a preservação de determinados valores por meio de relações interétnicas se revela ainda mais premente. Por outro lado, tanto Machado quanto Hatoum problematizam tabus e interditos familiares ao tematizarem relações incestuosas entre familiares, explorando o tempo todo em suas narrativas a oposição entre o estranho e o familiar.

A partir do debate gerado acerca de “Instinto de Nacionalidade”, artigo de 1873, Machado propunha uma maneira de se fazer literatura sem lançar mão do traço documental na narrativa, característica que considerava limitante na prosa brasileira do século XIX. Uma literatura autêntica se faria, portanto, também a partir de outras e variadas matérias. De variados sabores e molhos, partindo de mitos e arquétipos distintos. Machado e Hatoum operam essa relação com o mito por meio de temperos distintos,



demonstrando a vitalidade dessa relação entre vida e literatura. As coisas futuras, como preconiza a sibila machadiana, se nutrem do passado e dele retiram rica matéria ficcional.

### **Referências bibliográficas**

CADEMARTORI, Lígia. “Ao leitor, as lunetas” In ASSIS, J. M. *Esau e Jacó*. São Paulo, FTD, 1997. Col. Grandes Leituras.

CANDIDO, Antonio. “Esquema de Machado de Assis” In *Vários escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro sobre Azul, 2004, pp 15-32.

COUTINHO, Afrânio. “Machado de Assis na literatura brasileira” In ASSIS, J. M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, pp 23- 65.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. “Entrevista com Milton Hatoum” In CRISTO, Maria da Luz P. (org.) *Arquitetura da memória*. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas/UNINORTE, 2007, pp 23-32.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Daniela Birman. “Das cinzas à memória”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 2005, Caderno Prosa & Verso, p. 6.

MOISÉS, Leyla-Perrone. “A cidade flutuante”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 agosto de 2000. Caderno de resenhas, p. 7.

NESTROVSKI, Arthur. “Uma outra história”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 de junho de 2000, Caderno Mais!, p. 23.

PIZA, Daniel. “Relato de um certo Hatoum”. *Estado de São Paulo*, 26 de março de 2001, pp. D5-D7.

NUNES, Benedito. “Volta ao mito na ficção brasileira” In CRISTO, Maria da Luz P. (org.) *Arquitetura da memória*. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas/UNINORTE, 2007, pp 207-218.